

# **A Natureza dos Deuses da Natureza: Comunidades Tradicionais Religiosas de Matriz Africana e o Processo de Expansão Urbana na Contemporaneidade da Cidade de Poções – BA**

*The Nature of Nature of Gods: African Traditional Religious Communities and the Process of Urban Expansion in the Contemporary City of Poções - BA*

**Celio Silva Meira<sup>1</sup>**

**Celeste Dias Amorim<sup>2</sup>**

**Marília Flores Seixas de Oliveira<sup>3</sup>**

## **Resumo**

O presente artigo é resultado de mais de dez anos de pesquisa participativa e acadêmica, que visou analisar, de forma crítica, como as culturas de matrizes africanas sobrevivem na contemporaneidade com o crescimento urbano das cidades, tomando como base o crescimento urbano brasileiro e em especial um estudo de caso na cidade de Poções - BA. Procurou-se averiguar de que forma os projetos de construção de novos bairros nos arredores da cidade vem impactando nas comunidades religiosas de candomblé. Discutimos também sobre a importância que as áreas verdes têm para o povo de santo, uma vez que eles dependem dessas para a realização de cerimônias e deposição de oferendas aos deuses da natureza, e com a destruição para o erguimento de novos bairros, muitos desses cultos estão se

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia (UESB), Especialista em Antropologia e em Psicologia da Educação (UESB), Mestre em Ciências Ambientais (UESB), Gestor do Col. Est. Dr Roberto Santos, Poções, BA. Membro do Grupo de Pesquisa CASLIDS/UESB.

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física (UCSAL). Mestre em Ciências Ambientais (UESB). Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PRODEMA/UESC). Bolsista da FAPESB. Membro do Grupo de Pesquisa CIPED/UESB.

<sup>3</sup> Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), Professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PGCA), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Contatos: marilia.flores.seixas@gmail.com; celiomeira2014@gmail.com; celamorim@gmail.com

perdendo por falta de espaços verdes ou sendo modificados em função da degradação ambiental nos entornos da cidade.

**Palavras-chave:** Comunidades de Candomblé; Crescimento Urbano; Degradação Ambiental.

## **Abstract**

This draft communication is the result of over ten years in a participatory and academic research, which aimed to analyze, critically, how African cultures survive in the contemporaneity with the urban growth of cities, based on the Brazilian urban areas and especially a case study in the city of Poções - BA. This study seek to ascertain how the new neighborhoods construction projects outside the city is affecting the religious communities of Candomblé and how is the importance of green areas have for holy people - since they depend on these for holding ceremonies and offerings to the nature gods. With the erection of new neighborhoods, many of these cults are lost for lack of green spaces or modified due to the environmental degradation in the city's surroundings.

**Keywords:** Candomblé Communities; Urban Growth; Environmental Degradation.

## **1 Introdução**

Outrora, estudiosos e intelectuais viam as culturas religiosas de matrizes africanas e afro-brasileiras, como uma simples manifestação do primitivo, entendendo neste contexto a palavra “primitivo” como algo atrasado e subdesenvolvido, quando não viam sob uma visão exótica. Tais posturas, nos últimos tempos vêm se fragilizando, sobretudo, a partir de meados do século XX, graças aos estudos de intelectuais brasileiros como: Édison Carneiro, Arthur Ramos, Câmara Cascudo e Manuel Quirino dentre outros, também, é inegável a contribuição de autores estrangeiros nessa missão, dentre eles, Pierre Fatumbi Verger e Roger Bastide, que tão grandiosamente colaboraram no processo de valorização da cultura e da arte do Candomblé e suas demais ramificações como uma manifestação espiritual das mais significativas entre as religiões afrodescendentes em nosso país.

É, na Bahia, que essa manifestação tem sido considerada como centro cultural e artístico dos mais significativos no panorama nacional. Por aqui reuniram-se manifestações híbridas de diversas origens, ibérica, indígena e africana na qual se destina este estudo, sendo esta a que mais predominou e predomina entre os setores da cultura baiana, sobretudo, na dança, na música e na religiosidade popular, onde o Candomblé persiste e sobrevive como um baluarte na cultura e na vida do povo baiano (MARTINS, 2008).

Nos últimos tempos, a mitologia e o simbolismo dos Orixás tem ganhado destaque através da mídia (televisão, rádio, *internet*, cinema e outras tecnologias) que vem dando visibilidade às práticas religiosas de identidade negra de origem africana e afro-brasileira, tão pouco valorizadas e ainda discriminadas há mais de quatrocentos anos. Embora muitas dessa visibilidade dada pela mídia tenha um cunho capitalista de lucro com a venda da imagem dessa manifestação cultural em nosso Estado, ainda que não seja o objetivo maior desse estudo.

Em se tratando da cultura do Candomblé, Martins, nos aponta que:

Trata-se de um sistema religioso de crença tradicional e de práticas rituais trazidas pelos diversos grupos étnicos de africanos que foram migrados, à força para o Brasil, durante o período escravagista brasileiro: em meados do século XVI, cerca de 4,5 milhões de negros foram trazidos de várias partes da África, pelos portugueses, para o Brasil, sob a condição de escravos. Esse movimento escravista intensificou-se nos séculos seguinte, principalmente, nos séculos XVII e XIX. Esses grupos eram tribos que se dividiam em nações, e que conforme a sua procedência, indicavam a origem do culto às suas divindades no Brasil. Muitos desses grupos não foram ordenados por etnias; em vez disso, foram agrupados pela condição de oprimidos e escravizados, sem mesmo falarem a mesma língua. Os africanos eram forçados a se misturar entre si para tentarem sobreviver à tortura da situação na nova colônia (MARTINS, 2008, p. 24).

Eram eles, os negros que trabalhavam na lavoura, especialmente nas plantações de açúcar e de café, e nas casas dos senhores de engenho. Embora escravizados, oprimidos e sujeitos a todos os tipos de humilhação, estes não se esqueceram dos seus costumes e tradições, em suma, da sua cultura, e, em especial ao culto aos Orixás. Os negros enquanto escravos fizeram uso da espiritualidade como forma de adequação ao novo mundo que se estampava à sua frente, tudo isso para continuar sobrevivendo às condições impostas pelo Brasil-colônia.

Segundo Lima (2005), o campo das religiões africanas e afro-brasileiras, em particular, aquela conformada pelos terreiros de candomblé, foi sendo organizado, primeiramente de forma cooperativista. Alianças foram tecidas entre etnias, que na maioria das vezes eram historicamente rivais em África, existindo no interior dessas comunidades uma permanente ajuda mútua, troca de favores nas condições da escravidão. Na Bahia, por exemplo:

[...] conhece-se a nação nagô oriunda de terra yorùbá, da Nigéria, que fala a língua yorùbá e cultua os Orixás e os Egunguns; a nação Angola, vinda da tradição Bantu, que cultua Inkisse e fala inúmeras línguas, como Kimbundo e Kilongo. A nação gêge é originária do Benin (antigo Dahomey e Tongo), fala a língua ewe-fon e cultua Vodun (LIMA, 2005, p. 25).

Sendo que a maioria dos candomblés presentes na Bahia e em especial na cidade de Salvador e no Recôncavo, foi mantida predominantemente pelos africanos vindos do Golfo do Benin e pelos iorubas da Nigéria. Esses povos que viviam oprimidos criaram seus próprios modos de sobrevivência e usaram a questão espiritual como expressão de liberdade, superando a condição que lhes foram impostas por seus escravizadores. Manifestações estas, que continuaram a permear todos os âmbitos de suas vidas, gerando elementos étnicos, estéticos e culturais extremamente visíveis na composição da sociedade brasileira. O Candomblé encontra-se inserido em todos os segmentos culturais da sociedade baiana, repercutindo no vestuário até nos comportamentos cotidianos das pessoas. E, na cidade de Poções, não é diferente. Assim este estudo objetivo analisar, de forma crítica, como as culturas de matrizes africanas sobrevivem na contemporaneidade com o crescimento urbano das cidades, tomando como base o crescimento urbano brasileiro e em especial na cidade de Poções-BA, partindo da implantação de projetos de construção de novos bairros e como estes vêm impactando nas comunidades religiosas de candomblé, como, também, o estudo discute a importância que as áreas verdes têm para o povo de santo, ou seja, para as comunidades tradicionais de religiões afrodescendentes.

## **2 A Natureza dos Deuses da Natureza**

As religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras, são consideradas como “religiões essencialmente ecológicas”, esta atribuição se baseia na inegável importância que assume a natureza dentro do pensamento e das práticas religiosas dos cultos de origem africana, cultos esses marcados pela necessidade que os espaços religiosos tem da natureza como parte integrante de seu universo mágico religioso, dos rituais e da própria identidade dos seus deuses, o que gera um sentimento de respeito, dependência, integração, e, ao mesmo tempo, de submissão para com ela (PÁDUA, 1992).

Ainda segundo Pádua (1992), a indissociação entre orixás e natureza pode ser sentida, a começar pelo lugar onde eles habitam. A concepção de um

“céu” fora deste mundo não parece ter significado no discurso dos adeptos desse segmento religioso, para os mesmos, os orixás habitam os sítios naturais considerados seus domínios, o que nos leva a pressupor que se existe um “céu”, ele está aqui mesmo na terra.

Segundo autores como: Prandi (2001), Verger (1981), Bastide (2001) e Capone (2004) dentre outros, na cosmogonia dos iorubas, percebe-se uma nítida e indissociável divisão entre dois espaços o *Orun* e o *Aiê*. Alguns estudiosos interpretam primeiro como o equivalente do “céu” cristão, sendo que o *Aiê* corresponde a terra. Contudo, Verger alerta para o fato de que o *Orun* não pode ser confundido com o céu cristão, diz o autor:

Algumas tradições pretendem que *Orun* não esteja situado no céu mas debaixo da terra. Há, efetivamente, em *Ifé* um lugar chamado *Orun Oba Adó*, onde haveria “dois poços sem fundo que os antigos diziam ser o caminho mais curto para o além”. Este *Orun* é o além, o infinito, o longínquo, em oposição ao *ayê*, o período da vida, o mundo, o aqui, o concreto (VERGER, 1981, p. 22).

Para a tradição religiosa do candomblé, os orixás estão adormecidos na natureza, tornando-se ativos quando o gesto humano, através do ritual religioso, os adeptos os despertam para habitarem a cabeça de algum filho que está sendo feito. Conforme uma fala de uma mãe de santo “[...] onde houver natureza, há orixá, a natureza é a casa dos orixás<sup>4</sup> [...]”, logo perceberemos a relação intrínseca entre o mundo religioso e o mundo natural, em que, os deuses iorubanos advêm da natureza, é dela que emana as forças que movem esses espaços religiosos, sem a presença da natureza não tem orixá. As folhas, por exemplo, segundo Verger (1981) formam uma verdadeira farmacopeia dentro dos rituais religiosos africanos.

De acordo com Pelizzoli (2003), que nos apresenta como proposta, dentro do movimento ambientalista da “Ecologia Profunda”, com uma visão integradora holística, coadunando com o pensamento de um dos seus mais conhecidos defensores, o físico e ecólogo Fritjof Capra. Na perspectiva do

---

<sup>4</sup> Os orixás são ancestrais africanos que foram divinizados, mantendo uma inseparável ligação com os seres humanos. Segundo Pierre Verger o orixá é uma forma pura, axé imaterial, que se torna perceptível aos seres humanos, incorporando-se a um deles (VERGER, 2002).

supracitado autor, esta corrente de pensamento se caracteriza por apresentar questionamentos radicais aos valores que fundamentam nosso estilo de vida, visto como predatório e consumista, em que nos preocupamos apenas com o lucro e o bem-estar próprio, sem nenhum questionamento acerca dos problemas ou impactos ambientais.

Assim, os defensores dessa corrente da ecologia profunda discutem o retorno ao sagrado e da necessidade do estabelecimento de uma religião espiritual com a natureza que foi quebrada com o advento do sistema capitalista. Para tal, embasam na concepção de uma natureza viva dotada de poder (axé), com a qual os adeptos se relacionem através de um código estrito de regras no qual a importância do respeito/permissão e a necessidade da reciprocidade constituem elementos centrais (CAPRA, 1998).

É dentro dessa visão de sociedade fragmentada capitalista que o pensamento de Capra (1998) nos conduz a refletir sobre a necessidade da elaboração de uma nova ética capaz de dar forma a essa transformação cultural. Neste processo, as diferentes tradições religiosas são convidadas a dar sua contribuição.

Neste contexto, ecologicamente falando, há uma existência íntima e profunda entre os seres e os objetos que povoam o cosmos das religiões afro-brasileiras, pois um mundo vivo habitado por pessoas com os quais o homem deve estabelecer relações constitui uma das características centrais dessas religiões de matrizes africanas. Para elas, o divino não está fora do universo palpável e sim percebido como algo que está inserido no mundo físico. As “religiões da natureza” como são chamadas, ou cosmobiológicas (AGUIAR, 2003). Corroborando essa ideia, Carvalho diz que:

São as religiões da natureza, as religiões xamânicas, as de origem indígena e africana com seus cultos aos ancestrais e as manifestações naturais, as que podem educar as gerações futuras de seres humanos para coabitar com outros seres vivos na terra sem destruí-los e sem destruir a própria terra (CARVALHO, 2005, p.18).

Com isso, percebe-se que as religiões afro-brasileiras com sua cosmologia, seu sentido de sacralidade associado à natureza, suas divindades – simultaneamente natureza e cultura – possuem não apenas uma ética ambiental própria, como também, uma efetiva contribuição a oferecer na construção de uma “ecoética”, termo esse definido por Pelizzoli (2003), como sendo o comportamento humano ideal em relação à natureza, que venha a respeitar

a diversidade tanto humana quanto natural. É importante ressaltar que essa reflexão ainda é embrionária no campo das vozes públicas lincadas às religiões afro-brasileiras. Mesmo dentro das casas de Candomblé, que tem se tornado na contemporaneidade grande interlocutor no campo religioso dessa discussão.

Vale lembrar que esta contribuição, entretanto, implica também numa mudança de valores entre os adeptos das religiões afro-brasileiras. Para além da valorização romântica da diferença, é preciso pensar também sobre o modo como se dá a inserção das religiões afro e dos seus praticantes dentro da sociedade brasileira e suas possíveis consequências. As marcas associadas à vivência cotidiana do preconceito e da violência – não apenas simbólica, mas também física – praticada, não poucas vezes pelos próprios agentes públicos etc., tudo isso marca um lugar determinado para a religião, suas práticas e sua cosmovisão: a da subalternidade. Desse modo, a inserção tem influências determinantes nos valores, na vivência e na cosmovisão de seus adeptos.

### **3 Expansão Urbana**

O crescimento populacional nas grandes cidades é um processo que vem se acelerando em nível mundial, desde a chamada revolução industrial que culminou com a saída do homem do campo para as grandes cidades, em busca de melhores condições de vida. Esse processo do êxodo rural surge com mais destaque na Revolução Industrial no meado do século XVIII e se estende até os nossos dias cada vez mais acirrada. Assim, o homem do campo vê a cidade como forma de busca da felicidade, onde muitas vezes essa felicidade não é encontrada, pois se depara com uma série de problemas que até então não existia, dentre eles, a moradia, o emprego, a infraestrutura etc. Neste sentido, Faure diz que:

Até a década de 1940 o Brasil era considerado um país predominantemente rural. Segundo registros históricos sobre o processo de urbanização no país, 70% da população brasileira vivia no campo. Mais tarde, em razão da concentração fundiária que limitou os espaços para o cultivo da terra e da chegada da mecanização, o camponês se viu obrigado a procurar novos horizontes (FAURE, 2002, p. 250).

Nacionalmente o processo de expansão urbana se iniciou a partir da década de 1950 com o advento da industrialização no Brasil. Antes a população brasileira era predominantemente rural. Algumas décadas depois, a situação se inverteu. A partir de 1970 a população rural passou a decrescer vertiginosamente

e a população urbana acelerou seu crescimento de forma significativa. Esse fenômeno de crescimento tem se tornado um dos fatores para a deterioração do meio ambiente. A falta de políticas públicas no que se refere à criação de medidas de ordenamento no processo de ocupação resulta numa série de problemas de caráter socioambiental. Nesta questão, Miranda nos alerta para:

A falta de infraestrutura nesses locais promove consideráveis alterações na biodiversidade e contribui para o surgimento de diversas doenças que acometem a população e geram grandes despesas aos cofres públicos com o tratamento dessas doenças. Medidas de ordem preventiva poderiam resolver o problema da saúde no Brasil. Em termos ambientais os riscos e prejuízos causados pela ocupação desordenada das áreas metropolitanas são consideráveis. O desaparecimento da biodiversidade animal e vegetal, das fontes hídricas e a contaminação do meio físico são exemplos mais frequentes (MIRANDA, 2002, p. 34).

Dentre os diversos fatores que incentivam o crescimento urbano, citam-se os loteamentos - cujos lotes são vendidos a pessoas de baixa renda - e a migração de pessoas oriundas de outros municípios e regiões, atraídas por ofertas de empregos e melhores salários. Boa parte dessas pessoas procura as áreas periféricas da cidade para estabelecer moradia. Outro fator que contribui de forma significativa para a expansão urbana é a valorização de áreas próximas aos centros urbanos o que acaba provocando a saída dos moradores dessas áreas que decidem pela venda de seus imóveis e passam a morar nos bairros periféricos da cidade.

O processo de crescimento da urbanização consiste em várias ações de caráter insustentáveis, como o desmatamento que provoca o desaparecimento de espécies da fauna e flora; o aterramento dos corpos hídricos, que culmina com a extinção dos organismos aquáticos; a disposição de resíduos sólidos em locais inadequados, causando a contaminação do solo, ar e água entre outras ações. Os igarapés, nome regional para rios de pequena ordem, são componentes importantes da floresta (OTTONI; OTTONI, 1999). Eles mantêm uma fauna diversa que é sustentada principalmente pelo material orgânico proveniente das florestas adjacentes (SILVA, 1999).

No município de Poções, segundo dados do IBGE (2015), a população poçoenses estimada em 2014 é de 48.655 hab, enquanto que, no censo 2010, foi 44.701 hab (urbana 34.659, rural 10.042) e, no censo de 2000, foi de 44.152 hab (urbana 31.753, rural 12.399). Ao longo dos últimos dez anos, a cidade de



Poções cresceu significativamente, a quantidade de pessoas que residiam no campo diminuiu e a população urbana aumentou (IBGE, 2015), vários bairros surgiram (Figura 1), sobretudo com a criação de programas do Governo Federal, tais como: “minha casa minha vida” que facilitou a aquisição de moradias para a população de baixa renda.

#### **4 A Constituição das Religiões de Matrizes Africanas no Município de Poções**

O povoamento da área onde atualmente se situa a cidade de Poções remonta à segunda metade do século XVIII, como consequência da expansão da empresa colonial portuguesa. Ainda que a motivação inicial para a incursão dos bandeirantes pelo interior da colônia e, em especial, pelas áreas sertanejas baianas, tenha sido a procura por metais preciosos, a instalação de inúmeras fazendas na região propiciou o surgimento de outras atividades fundamentais para a fixação do colono e expansão dos seus domínios: a pecuária, sobretudo, a bovina, a agricultura de subsistência e a cultura do algodão.

**Figura 1** – Expansão Urbana da cidade de Poções, Bahia



Vista panorâmica, 2015



Igreja do Divino Espírito Santo [19--]



Igreja do Divino Espírito Santo, 2015



Rua Itália [19--]



Rua Itália, 2015

Fonte: IBGE (2015), Meira (2015)

O progressivo ajuntamento de pessoas no entorno das fazendas, bem como nos pontos de pouso que foram se constituindo, ao longo das estradas, para atender às necessidades de viajantes e tropeiros, originaram muitos dos núcleos urbanos na colônia portuguesa, sobretudo, no século XVIII, em razão da descoberta das minas auríferas e da criação extensiva do gado (SOUSA; ALVES, 2007, p. 73).

O município de Poções tem, atualmente, cerca de 23 terreiros de religiões de matrizes africanas, sendo maioria terreiros de Umbanda. Boa parte está localizada em áreas “rururbanas” (GARCIA, 2005) que ficam entre a zona urbana e rural, geralmente onde se localiza a população mais carente da cidade. Estas zonas são locais propícios para a instalação destes terreiros, pois os mesmos exigem áreas geralmente territoriais grandes.

Estes terreiros cultuam, dentre outras entidades, orixás de origem africana, tais como Exus e Pombagiras, Ogum dos mais variados tipos (como os Ogum de Ronda, Ogum de Lei, Ogum Beira-mar, Ogum Marinho), Iansã, Iemanjá, Oxum, Xangô, Oxóssi, Omolu (muito associado aos Pretos velhos), os Ibejês

(ligando São Cosme e São Damião). Por outro lado, são cultuados os Caboclos, com uma grande variedade de nomes e tipos (Caboclos das matas, Caboclos do sertão, Caboclos das pedreiras etc.). Outros tipos de entidades espirituais são “os encantados”, em geral “marinheiros, marujos, navegadores e pescadores”, que, na maioria, têm suas histórias associadas a desencarnes nas águas profundas do mar. São comandados e chefiados pelo “Mestre Martim”, considerado como grande “catimbozeiro” e que trabalha com as energias das águas do mar. Em algumas regiões são conhecidos como “baianos” ou “marujeiros”. Estas entidades quase sempre se apresentam bêbados, e tem em suas danças o balanço das ondas do mar. Suas cores são o branco e o azul, e ritualmente são vestidos de marujos, tendo no peixe o seu símbolo máximo, comendo todos os tipos de frutos do mar, fumando, bebendo cerveja, cachaça e outros tipos de bebidas.

Cada um destes terreiros tem suas especificidades e calendários próprios, rendendo homenagem aos mais diversos tipos de entidades. Costumam ter suas festas de certas maneiras ligadas às da Igreja Católica, principalmente na época da semana santa, época em que quase todos os terreiros são fechados em respeito ao período sagrado católico, reabrindo no sábado de aleluia.

Os africanos trouxeram consigo toda uma gama de informações culturais, como línguas, religiões, costumes, práticas culinárias, tecnologias, conhecimentos e uma série de informações que foram tanto incorporadas quanto desprezadas pelos brancos colonizadores, representadas recorrentemente como algo menor, com conotação de atrasado, arcaico, primitivo. Apesar do preconceito impresso sobre estas culturas, ressalta-se que se pode compreender “primitivo” a partir de significados não depreciativos, pertinentes quando aplicados a elas: “aquilo que vem em primeiro lugar, a origem de tudo” (QUERINO, 2006, p. 46). Preconceito semelhante ainda incide, até hoje, sobre os nordestinos e, em particular, sobre os baianos, em estigmas que os associam ao atraso e ao arcaísmo. Para Neves, os nordestinos:

Passaram a ser associados ao atraso, ao arcaico, ao avesso do trabalho livre e voluntarioso. Esta forma de estigmatizar os outros pelo que a ele atribuímos de antimoderno e não-europeu parece ser uma constante no nosso modo de ser, alimentando os estigmas que cultivamos também em relação a outros grupos étnicos, sociais e nacionais (NEVES, 2001, p. 11).

Mesmo com todos os preconceitos enfrentados, os negros conseguiram como diz Muniz Sodré (2005, p. 53), “reimplantar aqui - de modo mais

extenso e com maior alcance estrutural na Bahia – os elementos básicos de sua organização simbólica de origem”.

No que tange ao uso de plantas, de acordo com informações prévias da pesquisa realizada localmente, os Candomblés poçoenses fazem uso constante das ervas em seus rituais, de maneira fundamental aos rituais, o que demonstra que, para os adeptos desta religião, é imprescindível o uso de plantas dentro de seus terreiros. Segundo Oliveira e Oliveira

A sacralização da natureza é um aspecto fundante do candomblé. As plantas, como outros fenômenos e objetos da natureza, são consideradas sagradas e possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do culto: desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo dos tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2007, p. 81).

As folhas, ou ervas, como são chamadas as plantas utilizadas nos terreiros, devem ser coletadas seguindo-se rituais complexos, sem o que perdem sua razão de ser e o seu axé (poder). A própria definição dos tipos de folhas a serem utilizados pressupõe ritos e procedimentos religiosos.

## **5 O Desaparecimento de Áreas Verdes e os Impactos Causados para o Povo de Santo**

Um dentre tantos problemas que as religiões afro-brasileiras ainda sofrem é com o desaparecimento de áreas de matas para a realização de seus cultos. Na cidade de Poções esse problema já se apresenta de forma bastante preocupante, pois, os terreiros que na sua maioria localizam-se em bairros afastados do centro comercial, com o crescimento da cidade e a construção de novos bairros têm levado as lideranças religiosas a se preocuparem com o desmatamento. Embora essa preocupação ainda seja embrionária, já surgem questionamentos de como esses terreiros sobreviverão a esse impacto urbano de crescimento vertiginoso, uma vez que as áreas verdes estão desaparecendo, áreas que eram utilizadas pelos adeptos para coleta de ervas, tais como: folhas, flores, cascas, raízes que são utilizados em seus terreiros. Alguns cultos são realizados em áreas livres, e essas áreas estão sendo construídas, ou seja, dando lugar a novos bairros com forte tendência comercial.

Nesta trilha de expansão urbana, áreas que até então estavam com vegetação nativa foram derrubadas para dar lugar a esses novos bairros, dois projetos nos chamou atenção em especial, o primeiro foi o projeto de construção de um shopping nas margens da BA 262 (Figura 2), no sentido Poções – Nova Canaã, que, segundo o poder público municipal, gerará centenas de empregos diretos e indiretos e o segundo foi a construção de um novo bairro, que segundo o projeto abrangerá uma imensa área, valendo ressaltar que estes dois projetos, o shopping e o novo bairro ficam próximo geograficamente, e o mais interessante que entre essas duas áreas a serem construídas fica um dos bairros mais pobres da cidade e onde localiza um número razoável de terreiros de candomblé, e que utilizava essa área para realização de oferendas e rituais. Na figura 2, percebemos o quanto a área está sendo devastada para tais construções.

**Figura 2** - Área de instalação do shopping na cidade de Poções.



Fonte: Acervo Célio Silva Maira (maio 2015)

Com o avanço do processo de destruição ambiental, algumas comunidades religiosas de matriz afro-brasileira percebem que o culto aos orixás vem se tornando cada vez mais difícil ou correndo o risco de extinção, uma vez que

as áreas verdes vêm sendo, paulatinamente, destruídas para ceder lugar às construções urbanas cada vez mais comuns nas cidades e nos seus entornos. A vida no Candomblé é a expressão da natureza. Todos os Orixás estão intimamente ligados aos elementos naturais e se expressam através deles.

Esse legado se expressa, sobretudo, nas religiões afro-brasileiras, que se mantiveram como herdeiras das tradições dos saberes africanos, aqui no Brasil. Como afirma Santana (2006, p. 237) “Esse complexo legado ancestral africano é um conjunto de saberes com ensinamentos de uma matriz não ocidental [...]”.

## **6 Considerações Finais**

Esses saberes, oriundos desse universo afro, vêm nos últimos anos sofrendo uma degradação, tanto por parte da sociedade judaico cristã, onde ainda impera o preconceito, quanto pelo próprio sistema capitalista que vem destruindo paulatinamente o meio ambiente na busca de lucros para satisfazer tal sistema. As consequências são, visivelmente, perceptíveis no dia-a-dia do ser humano, por meio dos impactos ambientais, entendendo-se por impacto o desequilíbrio provocado por um choque, um “trauma”, resultante da ação do homem sobre o meio ambiente. Para Sene e Moreira (2000), estes podem ser em escala local, regional e global, porém, os danos são sempre drásticos ao ser humano. Tomemos, por exemplo, a devastação de florestas por meio de queimadas, emissão de gás carbônico etc.. Como consequência disso tudo, temos a destruição da biodiversidade, genocídio e etnocídio das nações indígenas, erosão e empobrecimento do solo, redução dos índices pluviométricos, elevadas temperaturas, desertificação e proliferação de pragas e doenças. Associado a tudo isso temos também os impactos gerados pelo crescimento urbano desordenado o que acaba levando a destruição das áreas verdes no entorno das cidades e impactando diretamente na vida dessas comunidades.

Todos esses drásticos problemas causados ao meio ambiente, pela ação antrópica, leva-nos a uma pergunta intrigante: até que ponto o homem se arrisca na busca desenfreada pelo poder econômico? Qual é o seu limite? A destruição do meio ambiente parece não ter fim. Porém, quando olhamos para o meio ambiente com outro olhar, que não apenas o olhar do capitalismo selvagem, a quem interessa apenas o lucro e nada mais, e sim um olhar de pertencimento ao meio, em que o homem é parte integrante deste sistema, a configuração é outra. Tomemos, como exemplo, as comunidades tradicionais de religiões de matrizes africanas, que dependem essencialmente da natureza para a sua existência.

O que ficou evidenciado nessas observações previa, ao longo da nossa discussão, é que essas culturas populares, sobretudo as religiosas de origem afro-brasileiras vem sofrendo impactos com sistema global de produção, baseado exclusivamente na obtenção de lucros, sem pensar nas consequências. Em sua obra *Globalização e Diversidade Cultural*, Hassan Zaoual (2008, p. 23) discute que: “A lógica do crescimento econômico é incompatível com a ecologia e a preservação da diversidade das culturas.”

A cultura do capitalismo percebe e concebe a natureza como simples reservatório de energia, sendo esta explorável à vontade. Dessa concepção, resulta a depredação do planeta, sendo a autorrealização dos lucros a profecia fundamental do capitalismo. E os homens, as sociedades, os vegetais, os animais, em fim todo o mundo está submetido a essa seleção.

## Referências

AGUIAR, L. de A. Imaginário e natureza: discurso biocêntrico e ética de retorno ao sagrado?. *Revista Semiosfera*, Rio de Janeiro, n. 4-5, set. 2003. Disponível em: <[www.Eco.ufrj/semiosfera/anteriores/semiosfera45](http://www.Eco.ufrj/semiosfera/anteriores/semiosfera45)>. Acesso em: 20 maio 20015.

BASTIDE, R. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

CAPONE, S. A. *busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria e Pallas, 2004.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

CARVALHO, J. J. de. *As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza*. Brasília: UNB/Dan, 2005. (Série Antropologia, 381).

FAURE, J. F. *Dinâmicas de urbanização em meio tropical úmido: uso do sensoriamento remoto para a construção de indicadores socioambientais na Amazônia Oriental*. 2002. 67 p. Relatório (Pesquisa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2002.

GARCIA, H. C. *Geografia: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades: Bahia: Poções. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil>>.

php?lang=&codmun=292510&search=||infogr%EIficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em: 20 maio 2015.

LIMA, V. da C. *A família de santo nos candomblés Jejes-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais*. 2. ed. Salvador: Currupio, 2005.

MARTINS, S. *A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo*. Salvador: EGBA, 2008.

MEIRA, A. *Fotos de Poções*. Disponível em: <<http://www.adelsonmeira.com.br>>. Acesso em: 20 maio 20015.

MIRANDA, A.C. *Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

NEVES, E. F. História de família: origens portuguesas de grupos de consanguinidade do alto sertão da serra da Bahia. *Clio - Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, n. 19, p. 111-148, 2001.

OLIVEIRA, M. F. S. de; OLIVEIRA, O. J. R. de. *Na trilha do caboclo: cultura, saúde e natureza*. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2007.

OTTONI, A. B; OTTONI, A. B. A importância da preservação dos mananciais de água para a saúde e sobrevivência do ser humano. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 20., 1999, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABES,1999. 3 v. p. 3731-3738.

PÁDUA, J. A. Valores pós-materialistas e movimentos sociais: o ecologismo como movimento histórico. In: UNGER, N. M. (Org.). *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. São Paulo: Loyola, 1992.

PELLIZZOLI, M. L. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

QUERINO, M. *A raça africana e seus costumes na Bahia*. Salvador: P55 Ed., 2006.

SANTANA, M. de. O legado africano na diáspora e o trabalho docente. In: AMARAL Jr., A.; BURITI, J. de (Org.). *Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social*. São Paulo: Annablume, 2006.

SENE, E. de; MOREIRA, J. C. *Espaço geográfico e globalização*. São Paulo: Scipione, 2000.

SILVA, E. *Técnicas de avaliação de impactos ambientais*. Viçosa: CPT, 1999. 64 p.

SODRÉ, M. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.



SOUSA, M. A. da S.; ALVES, R. S. Povoamento e posse da terra no Arraial dos Poções (Bahia, 1780-1880). *Memória Conquistense*. Revista do Museu Regional de Vitória da Conquista, Vitória da Conquista: Ed. UESB, n. 8, p. 6-21, 2004, out. 2007.

VERGER, P. *Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Corrupio; Círculo do Livro, 1981.

\_\_\_\_\_. *Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo*. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

ZAOUAL, H. *Globalização e diversidade cultural*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Questões da Nossa Época, 106).

**Data da submissão:** 05/08/2015

**Data do aceite:** 20/10/2015